

“Ousar se revoltar”: ativismo digital e resistência de mulheres negras no *Instagram*

“Dare to revolt”: digital activism and resistance of black women on Instagram

Monik Milany Santos Santana¹
Gerenice Ribeiro de Oliveira Cortes²

Resumo: Historicamente, a mulher negra brasileira tem sofrido opressão de uma sociedade machista e que tem o racismo como forma sistemática de discriminação. Entretanto, as mídias digitais, enquanto espaço discursivo e de embates ideológicos, são ocupadas para os contradiscursos e confrontos. Apoiando-se na Análise de Discurso (AD) pêcheuxtiana, este trabalho visa analisar o funcionamento dos gestos de resistência de mulheres negras brasileiras ao discurso racista e machista, na rede social *Instagram*. Buscamos também compreender como esses discursos são afetados pelas condições de produção/circulação dessa rede. Utilizamos o recurso do *print screen* (captura de tela) para formar um arquivo de materialidades digitais e recortamos duas Sequências Discursivas (SDs), que constituem o *corpus* discursivo. Nos gestos analíticos, observamos o funcionamento de um jogo de forças da memória dos discursos racista e machista, que se atualizam na/em rede com efeitos de (des)estabilização, confrontos discursivos e resistência.

Palavras-chave: discurso racista/machista; memória discursiva; rede social *Instagram*; resistência discursiva.

Abstract: Historically, the Brazilian black women has been oppressed by a sexist society that has racism as a systematic way of discrimination. However, digital media, as a discursive space and ideological clashes, are occupied for counter-discourses and confrontations. Based on the Pêcheuxtian Discourse Analysis (AD), this work aims to analyze the functioning of the gestures of resistance of black Brazilian women to racist and sexist discourse, on the social network Instagram. We also seek to understand how these discourses are affected by the production/circulation conditions of this network. We used the print screen resource to form an archive of digital materialities and cut out two Discursive Sequences (SDs), which constitute the discursive corpus. In the analytical gestures, we observe the functioning of an effort game of memory of racist and sexist discourses, which are updated in/in the network with effects of (de)stabilization, discursive confrontations and resistance.

Keywords: racist/sexist discourse; discursive memory; instagram social network; discursive resistance.

* Trata-se de um recorte da pesquisa de mestrado.

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: monikmilany@gmail.com.

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, BA, Brasil. Endereço eletrônico: gcortes@uesb.edu.br.

Introdução

Historicamente, a mulher negra brasileira tem sofrido opressão por parte de uma sociedade machista e que tem o racismo como uma forma sistemática de discriminação, apoiada na negação e no silenciamento para manter e legitimar violências, sobretudo, simbólicas.

Ressaltamos aqui que o racismo, como aponta Almeida (2020), é estrutural. Nessa perspectiva, “pensar essas duas categorias interseccionalmente³ significa conceber e reconhecer que ser mulher negra é ser atravessada indissociavelmente pelo racismo e pelo sexismo, o que incide no imaginário social sobre ela” (FARIAS, 2018, p.17). À mulher negra não é facultada a possibilidade de escolher em qual situação ela será *somente* mulher ou *somente* negra.

Percebida como uma dupla antítese (da branquitude e da masculinidade), como esclarece a escritora portuguesa Grada Kilomba (2019), a mulher negra ocupa um lugar social muito mais difícil de transcender. A pesquisadora Djamila Ribeiro (2019) afirma que a mulher negra encontra-se em um *não lugar* doloroso. Para ela nos dizer que (também) é gente, é preciso que ela grite (MODESTO, 2019).

Diante dessa afirmação, onde a mulher negra encontra seu lugar de (r)existência? O espaço da internet ou ciberespaço pode ser uma possível resposta, em especial, as mídias digitais – espaços “capazes de gerar mobilizações e conversações [...] na medida em que essas discussões refletem anseios dos próprios grupos sociais” (RECUERO, 2009, p. 44). No quadro teórico da AD, é um espaço de produção e circulação de discursividades, um espaço discursivo de embates ideológicos, um lugar de resistência.

Desse modo, as mídias digitais, a exemplo do *Instagram*⁴, passaram a ser ocupadas pelas mulheres negras para os contradiscursos e confrontos. “A internet é o espaço que as mulheres negras encontraram para existir, já que a mídia hegemônica nos ignora” (RIBEIRO, 2016). Por essa razão, é que se torna fundamental analisar e refletir sobre o discurso de

³ A interseccionalidade é um conceito utilizado na perspectiva de Carla Akotirene (2020), contrário à ideia de universalidade, ao considerar particularidades, como raça, gênero e classe social.

⁴ Lançado em 2010 pelos engenheiros de programação Kevin Systrom e Mike Krieger, o *Instagram* é uma rede social destinada ao compartilhamento de fotos e vídeos e considerada, atualmente, um dos principais espaços discursivos no ambiente digital. Mundialmente, há 1 bilhão de usuários ativos desta rede. No Brasil, de acordo com Trindade (2022), segundo dados de 2020, estima-se que ela é a 4ª rede social mais usada, com 95 milhões de usuários.

resistência das mulheres negras brasileiras no/do discurso no meio digital, em específico, no *Instagram*.

Assim, a partir do dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso (AD) fundada por Pêcheux, este trabalho tem por objetivo analisar o funcionamento discursivo do ativismo online e gestos de resistência de mulheres negras brasileiras ao racismo de cor e ao discurso machista, na rede social *Instagram*. Buscamos também compreender como esses discursos são afetados pelas condições de produção – que incluem o contexto sócio-histórico e ideológico uma vez que os sentidos não estão só nas palavras, mas na relação com a exterioridade – e de circulação dessa rede social, considerando as relações de força e de sentidos, como também os movimentos de subjetivação do leitor na/em rede. Além dos pressupostos da AD, também referenciam este estudo as contribuições das Ciências Sociais, que discutem questões raciais e machistas.

A partir do aporte teórico da AD e suas especificidades, nosso primeiro movimento analítico foi a constituição do arquivo – entendido como um campo de documentos pertinentes sobre uma questão (PÊCHEUX, 2010) –, do ponto de vista de sua materialidade, “aquilo que faz com que ele signifique de um modo e não de outro” (DIAS, 2015, p. 973).

Para a coleta inicial das materialidades digitais dispersas na rede social *Instagram* e, que “não é reflexo passivo de uma realidade porque nenhum discurso é” (MITTMANN, 2009, p.5), utilizamos o recurso do *print screen* (captura de tela). As materialidades discursivas que constituem o *corpus* discursivo dessa pesquisa foram coletadas na rede social *Instagram*, mais especificamente de páginas de mulheres negras brasileiras nessa rede, em que pudemos observar a circulação de variados embates e posições-sujeito acerca do discurso racista. Buscamos materialidades que respondiam às questões que orientam o presente estudo em alguns dos principais perfis de ativistas negras brasileiras⁵.

A partir da construção do arquivo, identificamos e selecionamos duas Sequências Discursivas (SDs) que constituem o *corpus* discursivo para este estudo. Sobre a metodologia da análise discursiva, Cortes (2015, p.93) destaca que “a linearidade não existe nesse processo, como também o início e o fechamento é apenas um efeito”. Isso porque a análise discursiva é um processo dinâmico, que se dá pelo batimento constante da descrição/interpretação, ao se examinar os movimentos dos sujeitos e dos sentidos no

⁵ Todos os perfis são públicos. Ou seja, aqueles a que qualquer usuário, mesmo desconhecido, pode ter acesso e seguir tal perfil.

discurso, as condições de produção e os efeitos de memória em funcionamento na trama discursiva.

Considerações sobre a Análise de Discurso

A AD fundada por Michel Pêcheux, na década de 60, tem por objeto o discurso – este definido como efeito de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 1997) e o lugar de contato entre a língua e a ideologia. Para essa corrente teórica, a linguagem não é transparente, mas é tomada em sua opacidade. Assim, não há análise de *transmissão de informação*, mas sim a busca pelas discursividades inscritas na base material da língua, pois, segundo Pêcheux (1997, p.79), “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma”. O que se deve é “referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”, da tomada de posição do sujeito no discurso e dos efeitos de sentidos diversos.

Além da noção de discurso, este trabalho mobiliza também as noções de sujeito, Formação Discursiva (FD), interdiscurso, memória discursiva, silenciamento e resistência, esta última, percebida como um processo que está na contradição própria das falhas no ritual do/no processo de interpelação ideológica e que imbrica dominantes e dominados (PÊCHEUX, 1995).

Para Pêcheux (1995), o sujeito se constitui juntamente aos sentidos e não se trata do sujeito linguístico-enunciativo, mas o sujeito do discurso, pensado como uma posição, entre outras. O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, ao se identificar com uma dada Formação Discursiva (FD), que representa na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes (PÊCHEUX, 1995).

Nesse jogo de relações dos sujeitos com as FDs (PÊCHEUX, 1995), podem funcionar no discurso os movimentos de identificação, contraidentificação e desidentificação com um domínio de saber de uma FD, que regula o que pode e deve ser dito (PÊCHEUX, 1995). Segundo Pêcheux (1995), ocorre a identificação quando há uma adesão do sujeito aos sentidos determinados pela FD; a contra-identificação quando o sujeito da enunciação se contrapõe ao sujeito universal da FD, mas não rompe totalmente com ele; e a desidentificação quando o sujeito se desidentifica de uma FD para se identificar com outra.

O sujeito discursivo se constitui pelo esquecimento ideológico, pela ilusão de ser o dono de seu dizer e de ser a fonte de origem dos sentidos. Ele também é afetado pelo interdiscurso, definido por Pêcheux (1995, p.162), como o “‘todo complexo dominante’ das

formações discursivas [...], que reside no fato de que ‘algo fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas”. É a memória longa, como afirma Indursky (2011): “isto significa que tudo o que já foi dito inscreve-se no interdiscurso e, se isso ocorre é porque o interdiscurso constitui-se de um complexo de formações discursivas” (INDURSKY, 2011, p.17). Já a memória discursiva, segundo a autora, constitui-se em um recorte do interdiscurso, “seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos etc.) [...]” (PÊCHEUX, 1999, p.52).

Por fim, convém ressaltar que as tecnologias digitais e suas condições de produção e circulação também afetam a produção dos sentidos. Afinal, como explica Dias (2004), o ambiente digital ressignificou o sentido das relações, do estar-junto, do estar-no-mundo, por meio da linguagem. E ainda, segundo Cortes (2015, p. 28), esse ambiente, que também é virtual, “[...] é, por um lado, uma ‘entidade desterritorializada’, já que não se prende ao espaço/tempo, por outro, ele se constitui também em um espaço/lugar de novas territorializações, uma arena de conflitos de interesses”, que tanto pode estabilizar os sentidos, como também ser um espaço de contestação e resistência ao discurso dominante.

Gestos de Leitura

Com base nas discussões anteriores, partiremos para os nossos gestos de análise. Iniciaremos a partir de uma publicação no perfil da influenciadora digital negra Larissa Belizário por ocasião de um comentário pejorativo e racista feito por um internauta ao *novo estilo de cabelo* da influenciadora, mostrado em um dos posts de seu perfil na rede social *Instagram*, publicado em 03 de março de 2021.

Tal Sequência Discursiva (SD1) se constitui de uma foto da influenciadora, com destaques para o seu cabelo crespo, além do seguinte comentário de um internauta: **“Pq vcs mulheres pararam de alisar o cabelo hein??? Que saudades de ver uma morena com chapinha no cabelo, agr só vejo essas mulheres com esse novo estilo de cabelo, na moral... Feião! Volta anos 2000, voltaaaa!”**.

Na legenda da publicação, a ativista capilar afirma: **“Eu feia com o meu novo estilo de cabelo... É sobre isso, sabe? É sobre preconceito mascarado de ‘É questão de gosto’. Você já parou pra pensar em quantas coisas a gente diz achar bonito por termos sido moldados pelo nosso contexto social?”**.

Dias antes da publicação ora analisada, a influenciadora, que compartilha com os internautas dicas acerca do cabelo crespo/cacheado, havia feito outra postagem na mesma rede social na qual discursivizava o seu processo de transição capilar⁶, iniciado em 2014, como uma tarefa difícil pelo medo da não aceitação pela sociedade ao seu cabelo natural e pelos questionamentos recebidos por não seguir o padrão do cabelo alisado.

Como já assinalado, a postagem da influenciadora se constitui da sua própria imagem, que salienta o seu cabelo crespo (SD1). Lembramos, com base em Pêcheux (1999), que a imagem é atravessada e constituída por discursos e funciona como operadora de memória. Assim, o cabelo crespo/cacheado, ressaltado na imagem, muito mais do que um traço estético, se constitui como um traço da memória da identidade negra. No Brasil, a estética negra e a estrutura do cabelo crespo/cacheado sofrem ataques racistas há anos; ou seja, são sentidos que já funcionam no interdiscurso. Da infância à fase adulta, a mulher negra vive em constante conflito para existir com seu pertencimento racial (QUEIROZ, 2019), sendo alvo recorrente de comentários pejorativos, propagandas e piadas racistas.

Segundo Cortes (2021, p. 278), “o dito cabelo de bombрил⁷ é um pré-construído de sentidos pejorativos para os cabelos crespos, também discursivizados historicamente como cabelos ruins”. Assim, por serem cabelos “ruins”, são rejeitados, pois não se encaixam na estética padronizada. Considerada uma parte fenotípica do antepassado africano, o cabelo crespo seria um dos motivos de exclusão dos negros e negras na sociedade (SANTOS, 2019). Afinal, como aponta Oliveira (2011), o cabelo no Brasil está associado a uma simbologia de status social.

Dessa forma, os discursos inscritos na SD1 materializam uma tensão discursiva, uma zona de tensão (GOMES, 2003), entre os padrões de beleza corporal real (do negro) e ideal (do branco). Segundo o autor, o tratamento dado ao cabelo é uma das maneiras de expressar essa tensão. “A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos” (GOMES, 2003, p. 3).

Todavia, como aponta Cortes (2021), nas mídias digitais, funcionam tanto a sedimentação do discurso racista, como também de resistência, uma vez que a rede permite escapes e falhas; desse modo, constatamos que a fala da ativista capilar materializa o discurso de resistência ao discurso racista e de ódio ao negro. Isso porque, como defende Michel

⁶ Processo de eliminação de toda a química que existe no cabelo após anos de alisamentos, relaxamentos, progressivas e afins. Disponível em: <https://glamour.globo.com/beleza/cabelo/noticia/2020/11/transicao-capilar-te-contamos-o-que-e-quem-fez-e-quais-produtos-usar.ghml>) Acesso em 05 mar. 2022.

⁷ Em alusão a uma esponja de aço denominada *bombрил*, bastante conhecida no Brasil.

Pêcheux (1995, p. 304), “não há dominação sem resistência [...], é preciso ‘ousar se revoltar’”.

Aqui, o discurso da resistência circula a partir do perfil da influenciadora na rede social *Instagram*, “um espaço de discursividade com características próprias, com especificidades que não estão presentes em práticas discursivas que acontecem fora da rede” (GRIGOLETTO, 2011, p.52), e que permite, de acordo com as condições de produção dos sujeitos, o compartilhamento de fotos e vídeos que significam por meio da memória discursiva. Nessa perspectiva, a ativista ocupa uma posição-sujeito de confronto e resistência discursiva, ao desconstruir o discurso racista, como vimos no dito da SD1 “preconceito mascarado” em um já-dito “é questão de gosto”. Segundo Queiroz (2019), esse ativismo capilar, enquanto uma ação política de resistência, ressignifica positivamente a identidade negra.

Já no comentário do leitor, na parte inferior da imagem (SD1), os ditos “pq vcs mulheres pararam de alisar o cabelo hein???” e “saudades de ver uma morena com chapinha no cabelo” atualizam a memória do discurso racista com efeitos parafrásticos, pois a formulação retoma o mesmo dizer já estabilizado na memória. Conforme Orlandi (2020), a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços de dizer; segundo a autora, “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é o dizível, a memória” (ORLANDI, 2020, p.34). Isto é, alguns sentidos se mantêm estabilizados pelos efeitos parafrásticos. Assim, o internauta é afetado pela memória do discurso racista e pela ideologia do branqueamento, e assim ocupa essa mesma posição-sujeito de rejeição à identidade negra, ao rejeitar o cabelo crespo, um dos elementos dessa identidade.

A ideologia do branqueamento teve seu ápice no século XIX e meados do século XX pela elite brasileira, com a premissa de que era necessário embranquecer o país, uma vez que ser negro era considerado ruim (DALTRO, 2019). A adjetivação “feião” somada ao dito “saudades de ver uma morena com chapinha no cabelo” e ao já-dito sobre o cabelo crespo pode ser parafraseado por “cabelo bonito é cabelo alisado”, um dito que se filia à estética do branqueamento.

No discurso inscrito no comentário do internauta, temos sentidos de defesa da “volta dos anos 2000”, ou seja, pede-se a volta do cabelo “alisado”; assim, percebemos o funcionamento do efeito parafrástico de sentidos, definido por Orlandi (2020, p.34) como o processo pelo qual “em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é o dizível, a memória”. Dessa maneira, a paráfrase representa o retorno aos mesmos espaços de dizer. Na

SD1, as formulações retomam discursos vigentes anteriormente⁸, em um período em que estava em auge no Brasil o processo de branqueamento da população.

Dessa forma, o internauta na SD1, ao ser interpelado ideologicamente, se identifica com sentidos determinados pela FD racista e ocupa a posição-sujeito de defesa ao padrão do branqueamento, portanto, o discurso atualiza já-ditos racistas e instaura o silenciamento identitário, pois o corpo e o cabelo são expressões da identidade negra (GOMES, 2003); por conseguinte, ao rejeitar a expressão dos traços raciais afro, funciona o efeito discursivo do ódio ao cabelo crespo e ao negro, pois “esse ódio não se aplica somente ao cabelo, mas ódio ao negro, à negritude” (CORTES, 2021, p. 278).

Todavia, a resistência funciona no discurso pela posição-sujeito ativista assumida pela influenciadora digital, como já salientado. Nessa perspectiva, constatamos cada vez mais a apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais, para o funcionamento dos contradiscursos, como observa Mittmann (2009): “O ciberespaço se oferece aos movimentos sociais como mais um lugar de manifestação daquilo que é silenciado na grande mídia” (MITTMANN, 2009, p.1). Portanto, as redes sociais e digitais podem funcionar como um espaço de contestação e resistência ao discurso dominante, desestabilizando-o, afinal, como afirma Pêcheux (2015, p.53), “[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro...”.

A seguir, apresentamos os nossos gestos analíticos, a partir da segunda Sequência Discursiva (SD2).

Tal Sequência Discursiva (SD2) é composta por duas figuras que foram coletadas do perfil no *Instagram* de outra influenciadora digital negra, Luana Daltro, que ocupa esse espaço digital para a resistência ao discurso dominante, ou seja, com o discurso antirracista e interseccional para tornar a pauta racial acessível. A postagem, no estilo carrossel⁹, foi publicada em 12 de outubro de 2021, no contexto do Dia das Crianças, celebrado na mesma data.

Na figura 1, a influenciadora destaca a frase “**Pelo direito das crianças negras sonharem**”. Já a figura 2 é constituída pelo dito “**Sonhar. Que podem acreditar que serão**

⁸ Nos anos 2000, o mercado de cosméticos investia em produtos para o alisamento dos cabelos das mulheres, processo feito apenas com escovas ou com processos químicos que, por vezes, causavam danos à saúde delas, por terem substâncias tóxicas ao corpo humano.

⁹ Carrossel (ou sequência) é um formato de publicação lançado em 2017 pela rede social *Instagram*, que permite que o usuário poste mais de uma imagem de uma única vez. Fonte: Postgrain. Disponível em: <https://postgrain.com/blog/post-carrossel-no-instagram-ideias-de-conteudo/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

quem quiserem ser”, com a imagem de uma cena do curta Cores e Botas¹⁰, na qual há duas crianças (uma menina negra e uma menina branca), sendo que é a menina negra, personagem principal do curta, que está vestida de paqueta.

Na legenda da figura 2, temos o seguinte:

A possibilidade de sonhar e acreditar que é possível sair da realidade social, na qual nos encontramos e viver num mundo, onde não precisamos nos preocupar com as condições sociais e raciais impostas na sociedade, se chegarmos em casa vivos e/ou se não nos faltará o que comer. Essa é a vida de milhões de jovens que moram em bairros periféricos das cidades brasileiras. Por isso, questiono, como sonhar enfrentando estes obstáculos? Como achar que uma criança ou jovem que vive esta realidade está se vitimizandando? A análise feita interseccionalmente demonstra ainda mais as arestas abertas nesta sociedade. Classe, raça e gênero precisam ser vistos em intersecção, pois somente desta maneira, conseguiremos entender a realidade que aflige cada indivíduo no sistema social. Por isso, desejo que nesse dia, tenhamos mais possibilidades de fazer as nossas crianças sonharem. #diadascrianças #raça #racismo (SD2)

Numa sociedade esteticamente regida pela ideologia do ideal de branqueamento, os traços fenotípicos da mulher negra brasileira, sejam eles a própria cor da pele ou o cabelo crespo/cacheado, não encontraram, durante muito tempo, espaço nos diversos setores da sociedade, entre eles, a mídia hegemônica. A mulher negra não se via representada nos meios de comunicação e raramente aparecia na mídia televisiva. Afinal, como apontam Lahni, Alvarenga, Pelegrini e Pereira (2007), na mídia, o(a) negro(a) não ficou muito diferente da sua realidade social: à margem da sociedade desde a abolição da escravatura, marginalizado nas favelas, com acesso precário ao estudo e emprego e também sem ser representado na mídia.

Um dos principais símbolos desse ideal de branqueamento e, conseqüentemente, da falta de representatividade da mulher negra na mídia brasileira, foi o programa televisivo infantil dos anos 80, intitulado *Xou da Xuxa*, o qual, conforme Carvalho (2015), possuía uma fórmula exitosa para atrair a audiência das crianças, com cenário colorido e iluminado, disputas entre meninas e meninos, premiação em brinquedo e *merchandising* de marcas ligadas ao universo infantil. Já a apresentadora Xuxa esteticamente materializava o padrão de beleza imposto pela ideologia do branqueamento: “loira, de pele clara, vestida com roupas curtas e extraordinárias” (CARVALHO, 2015, p.2).

¹⁰ Dirigido e roteirizado pela cineasta Juliana Vicente, com base em sua experiência pessoal, o curta-metragem brasileiro de ficção Cores e Botas (2010) conta a história de Joana que tem um sonho comum a muitas meninas dos anos 80: ser paqueta. Sua família é bem sucedida e a apoia em seu sonho. Porém, Joana é negra, e nunca se viu uma paqueta negra no programa da Xuxa. O curta está disponível no seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=L18EYEygU0o>. Acesso em: 26 out. 2021.

Somada a essas características, Xuxa sempre era acompanhada por um grupo de jovens mulheres também loiras, magras e de cabelo liso, que se assemelhavam a ela, as chamadas paquitas. Essa posição de assistente de palco da chamada rainha dos baixinhos era considerada a profissão dos sonhos para muitas meninas brasileiras neste período. De acordo com Franca (2015), uma geração teve as paquitas como referência de padrão de beleza e sucesso. Entretanto, como o padrão estético das assistentes era bem definido, poder se tornar paqueta não era a realidade para as crianças negras que não *estariam aptas* a assumir aquele lugar. Em outras palavras, no discurso do padrão de beleza exigido para ser paqueta, funciona o não-dito do racismo.

Essa memória se atualiza no discurso inscrito na SD2, por meio da imagem de uma cena do curta *Cores e Botas*, com efeitos de polissemia, ou seja, de ruptura do processo de significação (ORLANDI, 2020), pois instaura a desregulação da memória (PÊCHEUX, 1999), já que o discurso do curta funciona com uma posição-sujeito de denúncia ao discurso racista inscrito na mídia televisiva, em especial, no programa *Xou da Xuxa*, cujo discurso se filia à FD racista, pois excluía as crianças negras, por não serem *aptas* a ocupar o lugar de paqueta.

No *Cores e Botas*, cuja cena está reinscrita na SD2, por exemplo, a menina Joana, protagonista do curta, tenta mudar o cabelo para se enquadrar ao *padrão*, pois este não reconhece características ou referências negras no programa. Além disso, “o desejo e a atitude de Joana em tentar ser paqueta era visto com desdém, deboche, algo anormal” (CAMARA, 2021). Tanto as colegas de escola de Joana quanto as avaliadoras que selecionavam as paquitas no curta “enxergavam a pessoa branca como um padrão social e quem fugia desta norma era excluído” (CAMARA, 2021).

Muitas crianças negras na época, inclusive, se culpavam por não serem escolhidas, traço que, segundo Franca (2015), só aumentava a perversidade do racismo em relação às mulheres negras, em especial, às crianças negras, que se deparavam com uma situação de discriminação e segregação na mídia hegemônica. De acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) no Brasil, intitulado *O impacto do racismo na infância*, qualquer criança ao conviver em uma realidade de desigualdade e de discriminação tem a ilusão de que negros, brancos e indígenas devem ocupar necessariamente lugares diferentes na sociedade. Seja diante da TV, nas escolas, ou em histórias infantis, as crianças vão se desenvolvendo com imagens retorcidas de papéis e lugares segundo cor de pele ou aparências.

Considerando, como aponta Carvalho (2015, p.5), que “a visibilidade seletiva dos meios de comunicação e a representatividade social na mídia acaba tendo um efeito doutrinário sobre o público, indicando tacitamente o lugar de cada indivíduo na sociedade”, o discurso inscrito na imagem de uma cena do curta Cores e Botas da SD2 questiona os lugares sociais historicamente ocupados pela mulher negra e os sentidos da formação discursiva racista em funcionamento, especialmente nas mídias televisivas, na década de 90, em que a programação infantil na TV brasileira foi usada para sedimentar a ideologia do branqueamento racial, tendo como principal referência a Xuxa. Dessa forma, o discurso inscrito na SD2 funciona com sentidos de confronto à falta de referência estética negra no discurso televisivo, em especial pelos sentidos de exclusão às crianças negras, na época mencionada, e assim desestabiliza a memória discursiva e produz efeito de resistência, entendida aqui como uma possibilidade de deslocamento construído no próprio seio da dominação (MODESTO, 2019).

Nesse caso, essa memória em funcionamento na TV brasileira é atualizada - com efeitos de confronto e resistência ao discurso racista que impôs/impõe discriminação e rejeição às crianças e mulheres negras – primeiramente no curta Cores e botas, como já mencionado, e, posteriormente, é retomada na rede social *Instagram*. Segundo Pêcheux (2015), o acontecimento discursivo se dá no ponto de atualização de uma memória, portanto, é possível observar que as redes sociais se constituem como um espaço no qual os acontecimentos discursivos se instauram a todo instante, um espaço de movimentos da memória discursiva, a exemplo do *Instagram*, que permite em suas condições de produção e de circulação, o compartilhamento de discursos diversos materializados em múltiplas linguagens, como fotos, dizeres e vídeos, e assim movimentam os sentidos, os sujeitos e os efeitos da memória.

Efeitos de conclusão

Na esteira dos pressupostos teóricos da análise de discurso de filiação pêcheuxtiana, nos propomos a analisar os movimentos da memória discursiva machista e racista na rede social *Instagram*, com foco especial nos gestos de resistência de mulheres negras brasileiras a esses discursos.

A análise das Sequências Discursivas (SD1 e SD2) mostra o funcionamento de um jogo de forças da memória e uma tensão discursiva entre o silenciamento, imposto à mulher

negra ao longo da história, e os movimentos de contradiscursos e resistência ao discurso racista e machista na/em rede.

Na SD1, temos os movimentos de resistência ao discurso dominante em funcionamento a partir do perfil da influenciadora na rede social *Instagram*, em que a ativista assume uma posição-sujeito de desidentificação com os sentidos das FDs racista e machista, a partir da imagem e do discurso inscrito na legenda da postagem. Todavia, na SD1 temos ainda a análise do comentário digital que nos faz observar o funcionamento de uma relação parafrástica de sentidos com o discurso do branqueamento e de uma suposta democracia racial. Sobre este último, nos fala Pereira e Modesto (2020, p.276): a democracia racial “[...] proporcionou um imaginário que ocultou o conflito inter-racial e a enorme desigualdade social entre brancos, indígenas e negros, forjando um fetiche de integração simbólica, especialmente do negro, no seio da nacionalidade e silenciando o racismo”.

Observamos, na SD2, que os confrontos discursivos inscritos no curta *Cores e Botas* são retomados na rede social *Instagram* e, assim, instaura-se uma (re)atualização da memória do discurso racista da mídia televisiva, com efeitos de resistência e denúncia da exclusão de crianças negras no programa *Xou da Xuxa*, exibido na década de 90.

Assim, foi possível observar como as redes sociais, a exemplo do *Instagram*, tem sido um espaço ocupado para dar voz e visibilidade aos sujeitos que ousam se revoltar contra o discurso racista e machista. As análises também apontam que as discursividades digitais inscritas nas materialidades apresentadas significam de acordo com as condições de produção/circulação das redes digitais, que se constituem como um espaço de atualização da memória discursiva, em movimentos de estabilização, mas também em movimentos de resistência e rupturas dos sentidos.

Referências

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

CAMARA, L. Cores e botas: 7 motivos para entender importância desta obra. **Otageek**, 28 jan. 2021. Críticas. Disponível em: <https://otageek.com.br/cores-botas-7-motivos-para-entender-importancia-obra-para-brasil/>. Acesso em: 08 mar. 2022.

CARVALHO, T. de. O “Xou da Xuxa” como representação do ideal de branqueamento do Brasil. 2015. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 7., 2015, Paraná. **Anais** [...] Paraná: Universidade Federal do Paraná, p. 1-14. Disponível em:

CORTES, G. R. de O. O crespão nas tramas do discurso digital: entre os fios da memória, acontecimento e equivocidade. *In*: SILVA, Dalexon S.; SILVA, Claudemir S. (orgs.). **Revista Pêcheux em (dis)curso**: entre o já-dito e o novo. Uma homenagem à professora Nádia Azevedo, São Carlos, v. 2, p. 271-287, 2021.

CORTES, G. R. de O. **Do lugar discursivo ao efeito-leitor**: a movimentação do sujeito no discurso em blogs de divulgação científica. 2015. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

DALTRO, L. M. A ideologia do branqueamento: tudo o que você precisa saber. **Geledés**. São Paulo, 24 set. 2019. Questão racial. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-ideologia-do-branqueamento-tudo-que-voce-precisa-saber/>. Acesso em: 05 mar. 2022

DIAS, C. Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 44, n. 3, p. 972-980, 2015.

DIAS, C. **A discursividade da rede (de sentidos)**: a sala de bate-papo hiv. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FARIAS, C. B. S. **Rompendo o silêncio diante do racismo e do sexismo**: um debate interseccional sobre resistências de mulheres negras no âmbito da universidade. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Serviço Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

FRANCA, L. Xuxa, combate ao racismo e 4 gerações de paquitas brancas. **Geledés**. São Paulo, 09 abr. 2015. Discriminação e Preconceitos. Disponível: <https://www.geledes.org.br/xuxa-combate-ao-racismo-e-4-geracoes-de-paquitas-brancas/>. Acesso em: 09 mar. 2022.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA/UNICEF (Brasil). O impacto do racismo na infância. *In*: Fundo das Nações Unidas para a Infância/UNICEF (Brasil). **Por uma infância sem racismo**. [Brasília, DF]: Unicef Brasil, nov. 2010. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/o-impacto-do-racismo-na-infancia>. Acesso em: 02 jul. 2021.

GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS, 2., 2003, Florianópolis. **Anais** [...] Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. p. 1-14.

GRIGOLETTO, E. O discurso nos ambientes virtuais de aprendizagem: entre a interação e a interlocução. *In*: GRIGOLETTO, E.; DE NARDI, F. S.; SCHONS, C. R. (orgs.). **Discursos em rede**: práticas de (re)produção, movimentos de resistência e constituição de subjetividades no ciberespaço. Recife: Editora Universitária, 2011. p. 50-78.

INDURSKY, F. A memória na cena do discurso. *In*: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina L. (orgs.). **Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 67-89.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LAHNI, C.; ALVARENGA, N.; PELEGRINI, M.; PEREIRA, M. A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento. **Revista Científica**, Barra Mansa, v. 9, n. 17, p.80-88, 2007.

MITTMANN, S. A apropriação do ciberespaço pelos movimentos sociais. *In*: ENCONTRO NACIONAL SOBRE HIPERTEXTO, 3., 2009, Belo Horizonte. **Anais [...]** Belo Horizonte: Centro Federal de Educação Tecnológica, p. 1-19. Disponível em: <http://nehte.com.br/hipertexto2009/anais/a/a-apropriacao-do-ciberespaco.pdf>. Acesso em: 01 jul. 2021.

MODESTO, R. Gritar, denunciar, resistir: “como mulher, como negra”. *In*: ADORNO, G.; MODESTO, R.; FERRAÇA, M.; BENAYON, F.; ANJOS, L.; OSTHUES, R. (orgs.). **O discurso nas fronteiras do social**: uma homenagem à Suzy Lagazzi. Campinas: Pontes Editores, 2019. p. 111-134.

OLIVEIRA, M. R. **O discurso do branco e para o branco**: uma análise discursiva de rótulos e propagandas. 2011. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13 ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, M. **O Discurso**: estrutura ou acontecimento. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 7 ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. *In*: ORLANDI, E. P. (org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 2010. p. 49-59.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. *In*: ACHARD, P. (org.). **Papel da memória**. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 49-57.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). Tradução: Eni Puccinelli. *In*: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). *In*: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 61-162.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi *et al.*. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PEREIRA, C.; MODESTO, R. “Mulher Negra de Pele Clara”: lugar de enunciação e processos de identificação. **Entremeios**, Pouso Alegre, v. 21, p. 274-290, 2020.

QUEIROZ, R. C. de S. Os efeitos do racismo na autoestima da mulher negra. **Caderno de Gênero e Tecnologia**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 213-229, 2019.

RECUERO, R. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. *In*: SOSTER, D. de A.; FIRMINO, F. (orgs.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009. p. 37-55.

RIBEIRO, D. **Lugar de Fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

RIBEIRO, D. Por que o ativismo das mulheres negras incomoda tanto? **El País**. São Paulo, 10 dez. 2016. Brasil. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/12/09/politica/1481308817_062038.html. Acesso em: 04 nov. 2020.

SANTOS, D. B. **Para além dos fios: cabelo crespo e identidade negra feminina na contemporaneidade**. 2019. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

Sobre as autoras

Monik Milany Santos Santana (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3664-8231>)

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB); especialista em Comunicação e Marketing Empresarial pela Faculdade Juvêncio Terra; graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela UESB.

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes (Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-6597-6192>)

Doutora e mestra em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). É professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB.

Recebido em fevereiro de 2023.

Aprovado em abril de 2023.